

Reconexão

Acabo de descobrir que estou num diálogo intenso com pedaços de mim, partes de mim. Sabe pedaços de papel que foram picadinhos e revoltos pelo vento? Bem assim! Revolta! Mas descubro que o que antes parecia à parte e desconectado, como uma poetisa citou no poema Cicatrizes, agora começa a fazer sentido. Parece que de repente, passei a usar uma lupa e os olhos começaram a ver. Ver né! Porque olhar os olhos olhavam, mas não viam! Ver está para além. Ah! Eu vi os olhos também! Cheios de curiosidades, observadores, passeando pelo meu corpo, se detendo em cada parte, se educando para viver uma outra vida. Vida ressoando a dignidade da própria natureza do corpo! Olha quanta coisa gente! E lá vem os olhos outra vez, outra parte de mim! Se juntarmos todas as palavras ditas até aqui, veremos mais do que palavras. Veremos pedaços de uma vida que se cata buscando a sua inteireza. E isso se chama independência, reverência, reintegração, respeito ao corpo, templo sagrado em nós. Até aqui utilizei palavras como: pedaços, desconexões, sentido, lupa, olhos, olhar, ver, corpo curioso, observador, se educando para viver com inteireza. Mas, e os pedaços? Eles são inteiros, eu que nunca os vi! O corpo, ele é inteiro sim, velho, sábio, “o ancião em mim”. Como costuma dizer a minha guru, a mestra do santuário do corpo “O ancião em nós”. Ai, ai, lá vai eu me alongando nessa conversa não é? Mas sou assim mesmo. Aliás outra coisa sobre mim que começo a ver, a aprender e a amar: a minha redundância. Sou prolixa sim! Eu arroteio, arroteio, arroteio para falar uma pequena coisa. Conto primeiro histórias para depois chegar ao ponto. Mas deveria ser diferente para um Velho Ser que caminha tantas histórias? Que chega da jornada todaaaaa em pedaços? Eu chego da luta pela vida, um pouco aos cacos, mas chego, para não perder a única oportunidade que ganhei de fazer a longa viagem sideral, encarnar na terra e viver o espetáculo da vida. Então eu sou assim. Poderia ser diferente? Sim, as coisas sempre podem ser diferentes. Tudo pode! Mas pelas experiências que passei, se não fosse bem assim, hum, ai não seria eu! Está ai outra aprendizagem que também faz parte desse cola papel, cola pedaços, a aceitação! Tantas coisas acontecendo! Balança copo, balança! Mas voltemos aos pedacinhos. Cada dia algo novo desponta em mim: o rosto, os seios, os pés e agora, pasmem, as vísceras. Dialoguei com elas, e que incrível: elas falam! Aliás, agora tudo fala mim, ganha voz. O corpo fala! Aprendo sobre o meu magnífico sistema e as bocas internas que já não me devoram, colaboram! Sinto o meu

corpo chocalhar por dentro, sinal de pura expressão e intimidade: tremedeiras, arrotos, balanços inesperados, puns, formigamentos. Ah simmmm! Parece que me despertam colocando-me no formigueiro, hahahahaha. As mãos formigam, esquentam, esfriam e depois uma delícia, elas se regulam. E nós balançamos, balançamos. Ele e eu, eu e ele, numa relação de gentilezas e amorosidades.

Descubro que o diálogo com o meu corpo ecoa como um processo de colar partes que pareciam desconectadas dele. Durante a jornada eu esqueci que ele sabia se proteger para nos proteger! Agora, em pura reconexão, entendo que foi por medo, proteção e amor ao Velho Ancião que eu quis comandar a nave, foi por amor, puro amor, exagero de amor, sede de amor, fome de amor, amor, amor à vida, tanto e tanto!

Tai Brito / Nov 2020